

## “Canção das Crianças”

# Um quadro de Malangatana

Quando olhamos para um quadro, que procuramos? A beleza das cores e das formas, a harmonia da composição, ou a mensagem expressa pelo seu conteúdo?

O que nos leva a dizer: isto é arte?

Beleza existe, é certo, na natureza, num pôr do sol por exemplo, numa majestosa paisagem, mas será beleza sinónimo de arte? Arte, uma palavra que parece simples e acessível à primeira vista. No entanto, a sua complexidade pode-nos levar bem longe, a uma distância mesmo inatingível nos caminhos do pensamento.

Até onde nos pode levar um simples quadro de um pintor que seja um artista?

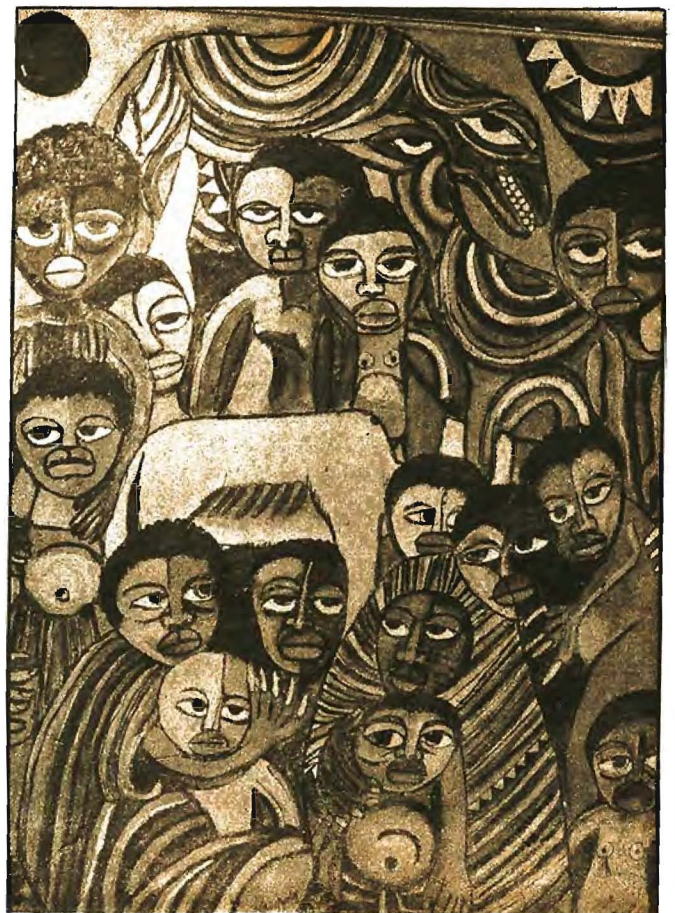
Inúmeras figuras se distribuem na superfície plana do quadro «Canção das Crianças» de Malangatana, pintado em 1978, em tinta acrílica sobre cartolina. No entanto a ausência de profundidade não nos choca, e é certo que estamos habituados a certas regras reputadas universais em pintura. No que respeita ao relevo, já alguma coisa se pode notar: umas figuras salientam-se sensivelmente, outras recolhem-se, como por exemplo aquela de cor azul no canto inferior direito. Mas são projecções por inteiro, nada de efeitos plásticos, eles não existem, falemos antes de jogo cromático e de contraste de superfícies.

Num primeiro plano (mas que não podemos considerar com tal, pois nesta, assim como na generalidade das obras do artista, só existe um único plano) a meio do

quadro portanto, na parte inferior, destaca-se a imagem de uma mulher com uma criança. Esta imagem vai transportar-nos para uma importante dimensão da nossa análise, procurando através do conteúdo da obra, penetrar na psicologia do artista e porque não mesmo, na problemática social da qual o artista é um porta-voz.

Como tantos outros moçambicanos, Malangatana nasceu e viveu a sua infância numa pequena

aldeia do campo, no distrito de Marracuene. Mais tarde, ao se tornar adulto, emigrou para a cidade de Lourenço Marques em busca de trabalho. Como tantos outros moçambicanos que se transplantaram para uma outra sociedade, uma outra cultura, um outro mundo, o seu coração ficou no campo, na pequena aldeia onde nasceu. A sua filosofia de vida construiu-se em redor das lendas e histórias contadas pelos velhos campones-



Malangatana Ngwenya  
— «Canção das Crianças»,  
acrílico sobre cartolina,  
60 por 45 centímetros,  
coleção particular

ses de uma sociedade africana, onde muita coisa gira em redor de uma complexa mitologia.

Embora a cidade garanta a satisfação de algumas necessidades materiais, a realidade é que, como para a maioria dos seus companheiros, é a dependência do campo que garante a sua subsistência.

A protecção materna de uma sociedade que ele sente como a sua e que em parte perdeu, é simbolizada pela figura de mulher, a meio da parte inferior do quadro. O seu manto protector que desce da cabeça, os seus olhos serenos protegendo a criança que, caso significativo, é a única figura que a meu ver tem um olhar alegre, o único olhar feliz de todas as figuras do quadro, talvez um pouco ingénuo. A seus pés e como que a garrada pela sua mão, uma atraente flor, quiçá um símbolo do bucolismo do campo. Também significativa a sua barriga redonda e bem cheia e as suas cores de vida.

De ambos os lados desta, estão outras duas crianças de olhar triste que representam, tal como as outras personagens do quadro, todos esses homens e mulheres que se transplântaram para uma sociedade que lhes é estranha, agressiva, qual dilema do camponês africano e porque não, do camponês de todo o mundo.

Do lado direito, a criança de cor azul afasta-se do centro, da mãe protectora, caminhando conformada, o seu corpo azulado perdeu as cores da vida baseadas no vermelho, do sangue que corre nas veias. Do lado esquerdo, outra criança de cor amarelada, macilenta, é surripiada por uma mão com garras. Por todo o quadro outras figuras, personagens alienadas, de olhar triste, vazio e conformado por uma cultura que pouco lhes diz. Em cima, dois monstros que representam a agressividade desse mundo desconhecido.

Eis a expressão do dilema de milhares de moçambicanos que vivem nos subúrbios das cidades. Integrados numa sociedade que não é a sua, eles vivem alienados da cultura em que nasceram e em que foram criados. O seu anseio permanente é a eia regressarem. A Mãe simboliza para eles todo esse mundo perdido.

Desenho de Malangatana Ngwenya sem título, tinta da china sobre papel, 50 por 35 centímetros, colecção particular



Uma vez pedi a Malangatana que me falasse sobre este quadro, pintado em Nampula, quando ali nos encontrávamos há oito anos, e que ele ofereceu à minha filha. Ele limitou-se a escrever o seguinte:

Mãe  
Nós somos uma floresta  
Nós somos a canção  
que faz as estrelas brilhar  
quando uníssonas  
cantamos em surdina  
sobre a «cabeça do velho»

Final um apelo, uma súplica à mãe, à floresta, às estrelas (que no campo tão bem se vêem) tal é a «Canção das Crianças».

Eis o tema de muitas obras de arte de Malangatana, imagens que se repetem, como a figura central da mulher-mãe, frequentemente ligada a todo um herotismo, símbolo da fertilidade, chave da reprodução social, factor fundamental na sociedade camponesa. Monstros agressivos, símbolo das forças repressivas e destruidoras, onde também se encontra incluída a dominação colonial, homens e mulheres alienados e destruídos.

Obras de arte, dizemos assim, pois para além de serem belas, são expressivas, transmitem uma mensagem, neste caso uma mensagem que ultrapassa os limites individuais, para se inserir numa problemática social. Esta a natureza do conflito, que dá força à pintura de Malangatana.

Em 1977, encontrei-o em Maputo debaixo de uma grande crise, que afectava quase por completo a sua criatividade. Praticamente

parara de pintar. Contou-me então, que num dia, à saída de uma exposição onde se encontravam obras suas, alguém lhe bateu no ombro e disse: «Malangatana, essas pinturas que tu fazes já estão ultrapassadas, esses monstros, essas figuras abstractas, angustiadas... Agora é preciso pintar a alegria dos trabalhadores construindo a revolução».

Encontrava-me então de passagem pela capital do país, a caminho do distrito de Maguê, aonde ia realizar uma campanha de pesquisa antropológica. Conhecendo o interesse do pintor pelo assunto, pois já colaborara comigo em trabalhos destes, convidei-o a vir. Junto com a sua bagagem, Malangatana trouxe consigo papel de desenho, foi o que valeu. A profusão de desenhos que efectuou, foram dos melhores que já vi. As fantásticas descrições que recolhíamos dos complexos rituais Tsongas, eram de imediato fielmente reproduzidas na sua significativa linguagem desenhada.

Malangatana reencontrou-se com a sua fonte de inspiração, com os seus temas do campo, com a sua infância, imagens de um subconsciente cujas raízes se afundam na tradição ronga.

Aconselho a procurarem todos estes temas, todas estas problemáticas, com paciência, nos seus desenhos. Para além da pintura «Canção das Crianças», aqui vai para tal um desenho feito em 1981, que escolhi também como ilustração para este ensaio.

Ricardo Teixeira Duarte